

PAULA OTTONI



UMA PRINCESA<sup>👑</sup>  
em meu Lugar

DUAS GAROTAS.  
UMA TROCA.

UMA PRINCESA<sup>👑</sup>  
*em meu* Lugar

PAULA OTTONI

UMA PRINCESA<sup>♠</sup>  
*em meu Lugar*

2ª edição

BRASÍLIA, 2015

Para meu pai, por tudo

Agradeço àqueles que estiveram comigo em minha jornada com os livros, minha mãe Vivian — sem seu apoio infinito eu não haveria nem começado —, minha atenciosa irmã Natasha; meu pai maravilhoso, sem cuja confiança eu não seria nada; minha grande amiga Laís, quem primeiro conheceu essa história, e a todos que depositaram sua fé em meu trabalho. E, claro, não posso esquecer meus leitores, já que um livro não existe sem vocês.

Um milhão de obrigadas também aos blogs e sites que divulgam, leem, resenham... Não há palavras.

# 1

## *Dia Comum*

Ela ainda não estava em casa quando cheguei.

Não que eu não estivesse imaginando isso quando abri a porta, é só que eu ainda tinha um pouquinho de esperança.

Eu já deveria estar acostumada. O problema é que é meio difícil me acostumar com a ausência da única pessoa que mora comigo, e ter que aceitar o fato de mais uma noite solitária à base de congelados e programas de TV banais.

E eu não estava preocupada só comigo. No fundo não tinha nada a ver comigo. Tinha a ver com a injustiça de ela ter que receber o mesmo salário de Frida Andrade, tendo que passar a maior parte do mês fora do estado, indo de um lado para o outro quando eles mandam e voltando quando querem. Onde estão os direitos individuais? A privilegiada Frida tem a opção de ficar no escritório todos os dias úteis do mês, almoçando com o seu namorado patrão, planejando ao lado dele qual é o próximo buraco em que vão enfiar Helena Martins. Porque, sabe, não são viagens legais. Nem um pouco.

Agora Helena Martins, também conhecida como minha mãe, estava no Norte do país. Bem perto da Amazônia, na inauguração de um prédio ecologicamente correto que ela projetou, o maior sucesso. Tudo bem, receber crédito por isso foi ótimo para ela, mas o “querido” Sr. Rezende tinha que “recompensá-la” de algum modo. Lembro-me com bastante clareza dos dias em que minha mãe chegava em casa do escritório completamente arrasada. Não foi justo o que Frida

fez com ela, isso de ficar roubando as ideias e tudo o mais. Essa mulher é um horror. E o namorado também. Não sei como todo mundo age naturalmente diante disso, da relação deles, eu quero dizer.

Acho que saber todos sabem, mas os dois ficam negando. Uma visível falta de ética.

Em todo caso, Helena estava lá, respirando a umidade elevada do ar e dormindo no último hotel que conseguiram reservar. Mas tudo bem. Ela estava satisfeita, no final das contas. Era o que ela sempre quis — apesar de isso não deixar de me incomodar. Era a terceira vez esse mês que ela tinha que viajar, sem nunca ter uma hora certa para voltar.

Então fui me adaptar à ideia da televisão e da comida sem gosto. Antes de rumar para a cozinha, peguei o pijama e a toalha e entrei no banheiro. Quase me esqueci que o chuveiro estava dando choque e por pouco não calcei os chinelos. Tomar um choque não ia contribuir muito para meu humor hoje, apesar de não saber se havia jeito de ele ficar pior.

Anotei mentalmente o item “ligar para o eletricista” na minha lista de tarefas para amanhã. Sem a dona da casa no apartamento, eu é que devia tomar providências como essa e, obviamente, como as de comprar comida no supermercado, trocar a lâmpada da área de serviço, buscar os vestidos na lavanderia, dar uma varrida na cozinha, e muitas outras. Às vezes penso que minha mãe é algum tipo de “supermulher”.

As nossas últimas três empregadas pediram demissão, então minha mãe desistiu de todas elas, não quer mais ter nenhuma. A primeira quis ir embora porque se casou e o sujeito lhe ofereceu um emprego na empresa dele. A segunda teve que se afastar por problemas de saúde, e a terceira roubava nossas coisas. Isso foi suficiente para traumatizar minha mãe. Assim, quando ela não está viajando para algum fim de mundo, eu assumo tudo. Tudo *menos* a cozinha.

Ah, a cozinha, não. Não tem nada que me faça cozinhar bem. É sempre um macarrão empapado, um arroz queimado, um bife pingando óleo... Já desisti. Não sei o que há de errado

comigo, mas eu simplesmente não sirvo para isso. A cozinha *me apavora*.

Já estava preparada para o show de horrores e os embrulhos no estômago quando abri a geladeira pensando no que comeria essa noite. Meus olhos foram do feijão para a linguiça e depois para o espinafre. Nem pensar. Fechei a porta maior e abri a do congelador. Enfim achei o que buscava.

Programei o microondas e fiquei assistindo a lasanha rodar lá dentro nos primeiros dez segundos. Depois desisti e me sentei na cadeira mais próxima. Apoiei os cotovelos na mesa e escondi o rosto nas mãos. Quase podia ouvir o latejar de minha cabeça, se não fosse o barulhinho da contagem regressiva do microondas preenchendo o silêncio.

Se todos os dias de minha vida viessem a ser como aquele, acho que eu explodiria. Como se não bastasse ter que olhar para a cara do Sr. Rey por duas horas inteiras — ouvindo seu espanhol irritante enquanto ele falava das teorias da comunicação — ainda tive que ser psicóloga de Caroline Fernandes, ouvindo todos os seus lamentos enquanto molhava minha blusa com seu choro compulsivo, porque aparentemente ninguém está apto a fazer isso.

Ou, melhor dizendo, ninguém *quer* fazer isso, porque ninguém suporta a Caroline Fernandes. Só porque eu empresto minha caneta para ela na aula não quer dizer que eu seja sua amiga, nem que tenha a obrigatoriedade de ouvi-la fungar. Como se não fosse suficiente ter que dar conta dos problemas dos meus dois melhores amigos e dos meus próprios.

As pessoas devem achar que eu tenho cara de conselheira, só pode. Mas estou longe de entender o comportamento humano. Porque se estivesse um tantinho assim mais perto, teria escolhido psicologia, ao invés de jornalismo. Realmente ninguém para pra pensar nisso...

O microondas apitou. Abri a portinha para resgatar o que sobrava de opção para meu jantar, avaliando se seria satisfatório para meu estômago vazio — concluindo que talvez



não, porque ele dava cambalhotas estanhas quando eu olhava para a papa derretida que se tornara aquele troço.

Talvez a lasanha tivesse ficado tempo demais rodando lá dentro, ou então era a recusa natural do meu estômago a tudo o que saía de minhas mãos inábeis na cozinha, mesmo que eu mesma não tivesse tido trabalho algum. Não importa, eu sempre recebo o crédito (ruim, é claro) por qualquer desastre culinário que aconteça em minha presença.

Sentei diante do meu jantar, já perdendo o apetite. Nem tinha ficado tão ruim assim, era sem dúvida comestível, mas não era bem isso que me impedia de engolir. Havia um bolo estranho na minha garganta que nada tinha a ver com comida.

Eu não havia assimilado bem o que aconteceu hoje na biblioteca. Discutir nunca foi meu forte, mas eu recorria a isso quando estava com raiva, ou com vontade de mudar alguma coisa.

Não tinha como aquelas pessoas estarem impassíveis diante daqueles assuntos que precisávamos desenvolver para o trabalho. Que tipo de jornalistas eles serão? Não estão nem um pouco preocupados em conscientizar as pessoas, só querem escrever e pronto. É revoltante.

Ainda não consegui decidir o que é pior, se é quando alguém faz alguma coisa totalmente desconexa da realidade aceitável do comportamento humano, ou se é quando todo mundo decide aceitar as coisas com uma paciência irritantemente comum.

Mas acho que é a segunda opção. Reagir mostra que existe interesse, que você está de fato preocupado com alguma coisa além de si próprio. Eu fui a que reagi, o restante do grupo só ficou lá sentado, pensando na droga da câmera que usaríamos nas filmagens.

Como é possível que um ser humano, de carne e osso e que tem um coração pulsando do lado esquerdo do tórax, não seja capaz de ficar pelo menos sensibilizado com a dor das DOZE mortes por assassinato no morro, só essa semana? As

doze famílias que perderam seus filhos não os comove nem um pouquinho?

Talvez eles achem que é um número muito pequeno comparado aos bilhões de habitantes do planeta, ou que tudo é muito distante deles. Mas não é. Nem um pouco. E quando me manifestei dizendo que devíamos promover uma campanha de combate à violência, ou simplesmente doar algumas coisas para essas famílias e poupá-las de dar entrevista agora, eles disseram que não.

“Clara, somos jornalistas e não assistentes sociais”. E quando eu disse “Trabalho voluntário é bom de vez em quando”, eles friamente responderam: “Se preocupe com o que é essencial agora, Clara. Faça seu trabalho. O governo que faça o dele”. Eu quase voei em cima do Sandro. E de todos os outros dez que me olharam como se eu fosse a louca perturbadora da paz.

Só porque eles podem pagar uma universidade e uma casa num bairro nobre do Rio de Janeiro não quer dizer que eles não tenham nada a ver com as outras pessoas que não têm isso. E o governo não faz direito o trabalho dele. Se fizesse, não haveria esse tipo de coisa com tanta frequência.

Eu sei que se todo mundo parasse sua vida por conta disso, o mundo não fluiria. Como a gente não pode dar conta de tudo sozinho, então é bom que nem se pense nessas coisas. Mas o mundo está começando a realmente me irritar — e ele só irrita verdadeiramente a gente quando nos afeta.

O meu mundo estava afetado. Sempre esteve, mas agora que eu conseguia sentir na pele as injustiças e as incoerências, foi que percebi.

Olhando a lasanha intocada no prato, pensei no quando aquilo estava me custando. Não o fato de não saber cozinhar — se bem que isso também, pelo menos ao meu estômago custava. Mas me refiro à minha estranha falta de reação às coisas.

Eu não podia mudar nada, eu sabia disso. Não podia chegar na empresa de minha mãe e gritar com o chefe dela e

com a bruaca da Frida, não podia obrigar o governo a ajudar as doze famílias, não podia dar um “chega pra lá” na Caroline e nem obrigar o concurso de bolsas para intercâmbio a aceitar o Rodrigo. Mas eu nem *tentava*.

De que adiantava? Algumas coisas são impossíveis de mudar, como minha personalidade e o próprio mundo contemporâneo.

Havia várias outras coisas que eu gostaria de poder fazer, como aprender a cozinhar direito para parar de comer lasanha e alimentos que elevam minha taxa (embora baixa) de gordura ruim. Não que eu já tenha ligado para isso, porque nunca precisei fazer dieta nem nada do tipo, e sempre gostei de lasanha — de preferência sem parecer uma pasta mole como aquela diante de mim.

É que, sei lá, lasanha já enjoou. Todo dia lasanha. Todo dia pizza. Todo dia *miojo*. Todo dia mini empanados de frango. Todo dia sanduíche. Não sei como ainda sou magra.

Tudo demais enjoa. Acho que comeria agora, numa boa, um prato de salada com abóbora e repolho — o da minha mãe, é claro —, só para variar um pouco. Mesmo não gostando muito. Na verdade, nem sei mais do que gosto. Pelo jeito, lasanha é que não...

O problema da lasanha era resolvido, parcialmente, quando minha mãe voltava. Mas e o resto do mundo? Eu queria ser capaz de mudar aquela rotina enfadonha e estressante que já impregnara em mim desde o dia em que saí da infância, abandonando os contos de fadas e finalmente abrindo os olhos para a realidade nada parecida com as histórias.

Porque eu tinha que andar de ônibus, fazer trabalhos sem a visível compreensão de meus colegas insensíveis, assistir a programas repetidos na TV e a noticiários mais sangrentos que tudo. Nos contos havia sim os monstros, mas eles eram apenas velhinhas com maçãs, ou seres míticos. O mais assustador da vida real é que os vilões são tão humanos quanto nós...

Já estudei História no colégio e me lembro que o mundo sempre foi o caos que é, seja com capitalismo, socialismo, é

tudo sempre igual. Mas hoje temos muita informação, o que teoricamente seria mais benéfico, pois nos possibilitaria ver os erros e corrigi-los. Mas não é isso que acontece. Você fica cada vez mais frustrado por ver tudo e não poder fazer nada para mudar. Então acho que era mais aceitável quando ninguém sabia de nada que acontecia a não ser que estivesse diante de seus olhos. Viver no escuro, indiferente ao que acontece, por *não saber* o que acontece, deveria ser melhor.

Passéi a mão na testa e suspirei. Nunca havia me rebelado internamente com o mundo atual. Porém acho que foi meu “eu” interior que finalmente desabafou para meu cérebro suas revoltas de muitos anos. Afinal, minha vida é mesmo entediante e comum. Eu não sou algum tipo de embaixadora da ONU responsável por manter a paz no planeta, ou uma *pop star* famosa que pode ajudar a população pobre da África. A minha satisfação pessoal também é algo muito remoto, porque eu raramente faço coisas para me divertir, nada além de minha obrigação. Se eu fosse famosa poderia pelo menos ir a festas elegantes e ter uma vida glamorosa. Mas na minha vida é tudo comum demais e o tédio me massacra. Eu estava me sentindo impotente diante do mundo. Apenas mais um número sem a menor utilidade.

“Você não tem nada do que reclamar”, era o que diria minha tia Gislene. “Tem um apartamento legal, uma mãe cuidadosa, estuda numa boa faculdade, é bonita, tem saúde e amigos”.

Nesse ponto ela estaria certa, porque tem gente que não tem nem isso. Mas, por outro lado, ninguém entenderia minha revolta. Era algo diferente. Não é realmente muita sorte você ter casa, comida, estudo e dinheiro. Não é o suficiente para ser feliz. Ser feliz não é ter as coisas, porque tem muita gente que é feliz sendo pobre, ou deficiente, ou desempregado. Cada um é feliz de um jeito diferente. Não dá para generalizar e dizer que felicidade é igual a amigos, casa, comida e beleza. Por isso não sei se eu era feliz mesmo. Sei lá, eu vivia. Vivía a rotina.

Imagina se um raio caísse na minha cabeça nesse instante e eu morresse. Será que me sentiria feliz e satisfeita com a vida que tive? Bem, mais ou menos, mas acharia que faltou alguma coisa a mais. Sei lá, uma pitadinha de tempero, ou coisa assim.

Na verdade, nunca fiz nada radical, nem arrisquei minha vida por um bem maior, acho que também nunca fiz uma coisa extremamente boa para alguém, de modo a nunca mais sair da mente dessa pessoa. Nem nunca vivi uma aventura, ou um grande amor. Acho que, então, no meu leito de morte, apenas teria pensado que não aproveitei a vida, apenas vivi, ou *sobrevivi*.

Nos contos era tudo mais simples. Queria nunca ter acordado para a realidade. Porque onde eu vivo não tem heróis de verdade, castelos encantados, príncipes e felizes para sempre.

Pois é, onde estão os príncipes maravilhosos, encantados, que faziam serenatas para as damas e as levavam em seus cavalos brancos para um passeio ao luar?

Lendo os artigos sobre os quais teríamos que dissertar, realmente me deprimi. É triste pensar em vários aspectos do século XXI. Na natureza destruída, na falta de educação, no fato de não se poder dar uma volta à luz da lua sem ter uma arma apontada para a sua cabeça... Enfim, está tudo errado! Mas o que posso fazer, afinal? Nada. Não sou capaz de mudar o mundo, nem meu próprio mundo, pois nunca vou poder deixar de viver na Terra dos anos 2000.

Vou precisar superar isso, não posso me sensibilizar tanto com qualquer notícia que veja. Pois como serei jornalista se não tiver pulso firme de transmitir as notícias? Talvez meus colegas de grupo não sejam tão insensíveis assim, talvez eu seja a supersensível. Eles só estavam fazendo o trabalho deles. *Eu* era a estranha. Mas uma estranha que não deixaria de publicar coisas, como as que pensei agora, em revistas e jornais, para pelo menos tentar convencer o maior número de pessoas que puder a fazer sua parte.

Minha cabeça latejou mais depois de pensar nisso tudo. Como se não fosse suficiente tentar resolver os problemas de minha própria vidinha, agora também ficava pensando nos do mundo. Era só o que faltava. Aquela reportagem deve ter mesmo me chocado...

Pus o prato na pia e fui para a sala. Reparei, então, em uma coisa que não estava ali quando saí de casa de manhã. Era um quadro em pé no chão, recostado na parede, uma pintura bem grande, que se pendurada ocuparia um bom espaço. Havia uma garota pintada em tinta a óleo, ela tinha o meu tamanho, de tão grande que era a tela. Estava sentada em alguma coisa e exibia um sorrisinho sem graça no rosto.

Mas, afinal, o que esse quadro estaria fazendo ali, no meio da nossa pequena sala, contrastando com os quadrinhos coloridos e abstratos que minha mãe gosta de pendurar na parede? Ela detesta esse tipo de coisa clássica. Observei melhor a borda dele e era tão ornamentada e desbotada que pensei que devia ser, no mínimo, do século XIV. Sei que pode ser exagero, mas que parecia aqueles quadros estilo Monalisa do período medieval, que eu via em meus livros de História da Arte, isso parecia.

Ainda fiquei um tempo olhando e matutando por que minha mãe traria uma coisa daquelas para nossa sala, até que vi um *post-it* colado bem no cantinho da borda papagaiada. Estava com a letra da minha tia.

*Clarinha, esse quadro que está aí é para a sua avó. É o presente que eu e sua mãe resolvemos dar para ela. Compramos naquela galeria que visitamos uma vez. Passei aí mais cedo para deixá-lo. Avise sua mãe quando ela chegar, por favor, que irei buscá-lo amanhã à tarde para deixar na casa da mamãe. Beijinhos e até amanhã. Almoçarei aí.*

Deixei o bilhete em cima da cômoda, com esperança de que minha mãe achasse e lesse quando chegasse, caso eu já estivesse dormindo.

Depois do bilhete da tia Gislene, lembrei que ela e minha mãe estavam mesmo querendo dar um presente de aniversário para minha avó e não sabiam o quê. Sabe, ela é meio enjoada para presentes, porque é rica e gosta de coisas de marca, além de ter um gosto muito único. Se alguém compra algo para presenteá-la que ela não goste, ih, é melhor nem ver, porque ela fala mesmo que detestou, diz que a pessoa tem um mau gosto do cão e a faz ir trocar.

Boazinha, né, minha vó?

Por isso, vendo a dificuldade da escolha, as duas resolveram presenteá-la com um retrato antigo, que é uma das coisas que ela mais gosta e que mais tem na casa dela. Vovó, ao contrário de mamãe, ama coisas clássicas. A casa dela parece ter voltado no tempo, e minha vó também, de tão antiquada que é.

Desculpe, vovó, mas o que posso fazer se estátuas gregas de mármore enfeitam seu jardim, tapeçarias de duzentos anos atrás fazem parte de sua decoração e o quadro do Nascimento de Vênus é o maior de sua parede na sala de visitas?

E sempre que vou visitá-la ela critica minhas saias, dizendo que são curtas (isso mesmo se a saia bater um milímetro acima do joelho), diz ainda que unhas coloridas são vulgares e que sutiãs de enchimento não devem ser usados por mocinhas.

*Mocinhas?* Sou quase uma mulher! Tenho dezessete anos e daqui a pouco estou dirigindo. Está certo que ainda não me considero uma mulher e acho que vai levar tempo para isso, porque mesmo que não pareça, dezessete anos não é tanta coisa assim. Ainda me sinto muito menininha às vezes. Porém *no jeito*, e não na *aparência*, como minha vó diz que tenho que parecer.

Larguei-me no sofá, incapaz de me sustentar mais em pé, pensando na solidão que me rodeava. Não tinha ninguém para conversar, nem minha mãe, nem minha tia, nem havia nenhuma vizinha no meu prédio da minha idade.

Sharon Anne Bennet é minha melhor amiga. Um nome meio incomum para o nosso país, mas é que ela nasceu nos

Estados Unidos. Morou em Nova York até os dois anos de idade e depois se mudou com seus pais para o Egito. Ela não se lembra muito bem de lá porque era muito pequena. Então, aos cinco anos, ela foi morar em Sydney — para a minha completa inveja. Eu sempre quis visitar a Austrália. Mas ela nem aproveitou muito, pois se mudou de novo aos dez anos, quando veio para o Brasil. Para ela aqui foi o melhor lugar que morou. Foi onde fez mais amigos e onde menos teve que ouvir brigas, pois lá na Austrália seus pais estavam se separando.

Ela é uma pessoa bem legal, e viajada também. Conhece meio mundo, porque já visitou muitos outros lugares. O motivo disso é que o pai dela é diplomata e a mãe virou bióloga marinha no tempo em que morou em Sydney. Até hoje a mãe dela mora lá, mas Sharon resolveu ficar aqui com o pai. Contudo, sempre que pode, vai lá a Sydney ver a mãe e de quebra visita a Nova Zelândia e países vizinhos. O pai já a levou para a Europa também, quando tinha reuniões importantes.

Só o que eu digo é: uau.

Eu nunca fui sequer ao Paraguai...

Para falar a verdade, estive muito perto de conhecer a França, apesar de que eu não ia me lembrar muito de lá. Minha mãe e meu pai planejaram uma segunda lua-de-mel, em Paris, quando eu tinha uns três anos de idade. Eles iam me levar, mas eu acabei pegando uma gripe alérgica e os planos foram pelo ralo.

Você deve estar se perguntando sobre o meu pai, certo? Bem, ele morreu. Foi quando eu tinha cinco anos de idade. Ele foi vítima de violência de rua. Um cara ia roubar o celular dele. Meu pai deu, mas, “sem querer” (como disse o cara em sua defesa), a arma disparou.

Ainda bem que eu era pequena demais para entender a gravidade da coisa. É óbvio que minha mãe não me contou desse jeito, na época. Disse que papai tinha ido fazer uma viagem muito longa e que nunca mais voltaria, que iria para o



Céu. Eu comecei a chorar e perguntei a ela o porquê. Então ela disse que o “Papai do Céu” veio buscá-lo.

Só quando fiquei grandinha descobri a verdade e por isso é que me revolto mais ainda com a situação do mundo. *Para que existem armas, meu Deus?*

Bem, ficar pensando nisso em plena solidão não é bom. Por um momento pensei em ligar para a Sharon para a gente papear e rir um pouco. O dia na faculdade não havia sido de muitos acontecimentos, mas ela sempre tem uma fofoca para contar do pessoal de lá e a gente acha assunto mesmo quando não tem. Só que olhei o relógio e vi que era meio tarde para ligar. Mesmo que Sharon não dormisse antes das onze, o pai dela era meio regulador.

Poderia também ligar para o Rodrigo, meu outro melhor amigo.

Ele, Sharon e eu somos quase inseparáveis, na verdade Sharon e eu sempre fomos mais unidas, e ele também tem os amigos dele. Mas, desde que nos conhecemos, Rodrigo sempre se junta quando nos vê sozinhas e nos faz rir pra caramba. Mas ele provavelmente estava na Internet, e eu não queria perturbar tão tarde.

Às vezes gostaria de ter um cãozinho. Adoro animais. Mas minha mãe não aprovaria, porque com nós duas fora de casa o dia inteiro não haveria ninguém para cuidar dele.

Deitei no sofá. Meus olhos estavam quase fechando, até que não pude mais mantê-los abertos e cochilei.

**Continua...**

Compre a versão completa, impressa ou digital, no site Bookess,  
no link abaixo:

[Bookess.com](http://Bookess.com)

ou na Amazon.com para Kindle.

Visite:

[www.paulaottoni.com.br](http://www.paulaottoni.com.br)

[facebook.com/umaprincesaemmeulugar](https://facebook.com/umaprincesaemmeulugar)

@Livro\_UPEML

Leia também *A Destinada*, o segundo livro da autora:

[www.adestinada.com](http://www.adestinada.com)

